Função Leitor:
Emílio Modena

Tema 1
Psicanálise, política e estado

Caros colegas: nestes últimos dias nesta cidade maravilhosa trabalhei para vocês em vez de ir passear. É um pouco como outrora, servir o povo como se dizia na minha juventude. Os deveres que me foram gentilmente atribuídos pela chefe do comitê, que sorte, aliás, é a única mulher neste colégio de homens comportados, são os trabalhos dos senhores Fuchner, Daubigny, Roger, e também a carta aberta de resposta do senhor Losicer e finalmente, last but not least, o ensaio do senhor Major.

Permitam-se, antes de começar, situar minha leitura. Enquanto italiano emigrado em terra alemã, sou forçosamente um etno-psicanalista. É uma espécie de deformação, que me esforcei de corrigir voltando-me para uma psicanálise crítica ao longo dos anos.

Minha leitura será, portanto, ao mesmo tempo analítica, crítica e uma observação participativa do tipo etnológica. Tentarei o impossível, ou seja, resumir em 15 minutos o total de 120 páginas. Depois, quero assinalar que nesse encontro mundial a grande maioria dos trabalhos pré-publicados no site da internet são de origem francesa e brasileira, o que vale também para as traduções. À exceção de alguns raros textos em espanhol e em inglês, é sempre o português e o francês que contam. Nem a língua de Freud não foi incluída. Será que ousou interpretar que se trata aqui no Rio de uma história de amor franco-brasileira? Permite-me depois dar uma olhada em todo o site seguindo a palavra POLÍTICA. Encontrei temas eminentemente políticos em todos os lugares, como por exemplo: “Favelas do real”, “Para uma política do fantasma da cura psicanalítica enquanto prática política”, “Uma política da neurose obsessiva”, “Uma mulher não nasceu só para ser mãe, ela pode tornar-se uma”, “Para uma política dos sintomas”, “Após a guerra no Iraque e o futuro da democracia”, etc, etc.

Deduzo, com isto, que temos um congresso muito politizado e fico satisfeito com isto. Mas constato, no entanto, que quase ninguém se interessou pelos subtemas 1B e 1D. Lembrando-os que o tema 1B trata “A psicanálise como prática liberal e como prática institucional pública” e 1D fala de “Medicalização da prática psicanalítica e seus aspectos legais”. É realmente estranho. Num congresso tão politizado como este, quase não há interesse pelo status da profissão. Seria doloroso demais, preferimos rejeitar. Quem perde?

Qualquer que seja a resposta começo com a exposição dos trabalhos pelos quais sou responsável. Quem perde? Dois deles excedem 40 páginas. Não foi, no entanto, a regra para todos limitar-se a 12 ou a no máximo 15 páginas? Infelizmente tive que fazer os cortes. Compreendi somente após a carta que os dois gigantes tratam do mito de nascimento dos Estados Gerais. Trata-se do caso do psicanalista Lobo que todos vocês devem sem dúvida conhecer. Pulo então a história para ser mais breve. Retomarei mais tarde se for necessário.

Lembro-os somente que Helena Besserman ViaNna publicou seu livro, “Não digam a ninguém, Política da psicanálise face à ditadura e à tortura”, em 1997, em Paris, no mesmo momento em que René Major fazia seu apelo. Neste livro ela relata a prática colaboracionista das sociedades psicanalíticas do Rio de Janeiro. Dizia que um de seus membros fundadores, o alemão Werner Kemper, um enviado especial de Ernest Jones, da Internacional, que tinha sido um dirigente do Instituto Goering de Berlin, portanto, colaborador do regime nazista. Ora, o dicionário de psicanálise editado por Elisabeth Roudinesco e por Michel Plon, também em 1997, retoma estas acusações de colaboração. Mas, cito agora Fűchner, também um alemão: “não satisfeito em retomar sob sua inteira responsabilidade afirmações nunca verificadas, os autores apóiam-se em ataques e observações não fundamentadas.”

Em seguida, o autor Fűchner demonstra, como bom historiador que é, em detalhes, que Kemper não era nem nazista, nem anti-semita, nem anticomunista. Segundo os critérios do tribunal de Nűremberg, ele não foi nem mesmo um “colaborador”. Ele era, ao contrário, um amigo de Jones e fornecia periodicamente informações à Internacional sobre o Instituto Goering. Parece que teve um papel

importante na fuga de Edith Jacobson. Ele era, portanto, inocente? Fűchner não chega absolutamente a esta conclusão. Ele o critica, ao contrário. Vou citar: "ingenuidade política e sua cegueira social" e concluimos com Robert Castel que é justamente isto que constitui o "psicanalismo" dominante. Werner Kemper seria portanto um caso exemplar de oportunismo do mainstream psicanalítico?. E seria necessário também melhor compreender, acrescenta Fűchner, "por que tantos analistas ficaram por tanto tempo convencidos do erro que a datação ao regime nazista tinha permitido "salvar" a psicanálise no interior do regime?".

Acrescento, em meu nome próprio, não teria sido Freud que teria instituído esta política? Solidariedade, escreve nesta altura Corinne Daubigny, solidariedade a Helena Besserman Viana, que ela considera também um caso paradigmático. Mas o problema persiste, esta solidariedade é rara entre os psicanalistas que têm, ao contrário, uma forte tendência a rejeitar tudo o que não lhes seria cômodo. Os casos continuam. Corporativismo, sim. Solidariedade, não, ela escreve. E ela nos oferece, com a "Crítica da razão dialética", de Jean Paul Sartre, uma análise do corporativismo. O grupo jurou punir cruelmente os traidores expulsando-os e infligindo-lhes a vergonha. É necessário, portanto, rebelar-se coletivamente, o que felizmente culminou com o grande número de pessoas que compareceram aos Estados Gerais.

A René Major é preciso reconhecer o mérito por ter reagido ao caso exemplar de Besserman Vianna com um fato exemplar, demitindo-se da IPA. Isto significa que os médicos da alma têm o dever de ser dissidentes em uma sociedade que organiza a banalização da crueldade estimulando o individualismo e a indiferença. Somos dissidentes hoje, considerando a análise da dimensão do social e do cultural. Mas isto é necessário, porque "só podemos curar uma doença psíquica se o médico sofrer do mesmo mal".

É preciso, portanto, construir um espaço "propício ao reconhecimento do outro" renunciando à ilusão que o movimento não-institucional sozinho poderia "nos livrar do conflito interno da violência". Desde então a reflexão paradigmática de Daubigny se transforma em uma defesa para a construção de um movimento que seja democrático mas não caótico, que reconheça portanto o nome do pai. Mas cuidado! Faço a intervenção em meu nome próprio, não como leitor. Quem é o pai,

quem são os pais e quem são as mães, dos movimentos, quem são as mães dos movimentos e quem são os filhos e as filhas? Sob este aspecto me sinto menos um pouco no papel de um avô. Havia dirigido, em Zürich, nos anos 80, 90, o movimento do Réseau, que precedeu na Europa o dos Estados Gerais. Ouso portanto dizer que um movimento só é democrático na medida em que os filhos têm a chance de tornarem-se pais e os pais a chance de tornarem-se, de novo, filhos. Isto dito, concordo com Corinne Daubigny quando ela tematiza o problema de “ inventar empiricamente os dispositivos e as pessoas que restaurem a sociabilidade e permitam composições diferentes e opostas de se expressar”.

Os princípios de horizontalidade e de verticalidade não devem ser transformados em fetiche, mas, ao contrário, serem colocados em relação dialética ou, como diríamos em Zürich, é preciso institucionalizar para melhor desinstitucionalizar e vice-versa. Neste ponto veio em boa hora o trabalho de Roger que é um trabalho de tamanho normal, ou seja, de 12 páginas, sem as anotações.

Ela começa pela metáfora simpática de uma utopia sem ilusões. Os Estados Gerais serão, portanto, sempre uma comunidade atacada, mas não fracassada, mas apesar disto, vale a pena lhe garantir um futuro.

A senhora Roger pensa, no entanto, que a única garantia para não fracassar é a análise conscienciosa de possíveis pontos de ruptura. Dentre os pontos de ruptura, teria o fato de criar, por exemplo, fatos prestigiosos na mídia em favor de uma nova aristocracia dos talentos. Será que René Major usa o movimento para tornar conhecido seu Instituto de Altos Estudos em Psicanálise? Não seria melhor opor-lhe o novo desejo revolucionário, segundo Lacan, de “questionar a família freudiana a partir do” bas-fond” de sua própria história”? Um outro ponto de ruptura seria a maneira de organizar os encontros mundiais do movimento. Devem ser obrigatoriamente comitês restritos reunidos, sem alguns membros, reunidos por alguns barões da profissão? É necessário, pois, um debate franco e leal sobre o futuro do movimento. Porque não em Assembléia? No entanto, é verdade que em Paris, em 2000, isto não foi ainda possível. Enfim, há também o problema do acesso ao site da internet e também a questão do seu financiamento. Acrescento: Roger tem o direito de expressão, não temos necessidades de censura. Mas talvez, acrescento ainda, temos necessidade de um regulamento democrático do site. De

qualquer modo, a proposta comunitária merece ter uma continuidade. Qualquer cisão seria um fracasso. Bravo.

Confesso que não compreendo muito bem porque Losicer, do comitê organizador, considerou necessário responder imediatamente, com uma carta aberta, este texto. Ele poderia ter esperado o Congresso. Não é a simpatia por “o entusiasmo que vocês demonstram com a existência e a persistência da aventura do movimento”. Não é também a precisão para evitar “a mentira do encontro e de mestres, só é necessário que a Assembléia exerça sua soberania”. Não, acho que Losicer aborreceu-se com a crítica de que os brasileiros teriam copiado o modelo de Paris. Ele nos informa que em abril de 2002 “a plenária do Rio elegeu a Assembléia com a função básica de organizar o encontro”. Uma outra diferença importante foi o apelo, analisado publicamente, à atualidade mundial. Trata-se, portanto, de uma crescente politização, que eu já tinha observado. Espero que vocês se recordem disto. Em terceiro lugar, escolhemos claramente a auto-gestão só no que se refere às finanças: “podemos afirmar, escreveu Losicer, que no encontro mundial no Rio, pagamos o preço justo”. Muito bem, tomo isto como promessa, esperando domingo à tarde para julgarmos.

Peço desculpas, já falei muito, só me restam dois minutos para apresentarlhes o trabalho de Major. Serei, portanto, cruel, só lhes direi o estritamente necessário, apesar de sua estética sedutora, sua lógica brilhantemente psicanalítica. Ele responde, aliás, ao pedido de Derrida, do Congresso de Paris, para argumentar “more” psicanalítico. A crueldade, portanto, não é somente de ordem humana, se considerarmos o homem um animal falante. É preciso voltar à pulsão do poder, o Bemächtigungstrieb de Freud, alguma coisa que faz agir os homens cruelmente sem terem consciência disto. Trata-se, então, de um tipo de crueldade animal que tem sua origem no inconsciente. Fazendo um parêntese, associando livremente, o autor nos fala então da “inquietante atualidade da política dos Estados Unidos, que se atribui o direito da força e decide como seu o interesse das grandes potências, unilateralmente, de fazer a guerra, tratando, ao mesmo tempo, de Estados inimigos, aqueles que se opõem a ela. Trata-se, portanto, como se eles fossem, ainda, dotados de soberania sem limite, ao passo que, na verdade, eles sofrem de uma crise de soberania profunda, por causa da globalização”. Cito Major: “tanto para Lacan como para Freud e Nietzsche a crueldade não pode ser

desenraizada. Seria ilusório pensar em erradicar o que é da ordem da pulsão”. Major encontra, no entanto, um remédio, analisando a situação analítica. Isto oferece, na verdade, a qualquer um, uma hospitalidade rara e incondicional. Ou seja, um espaço fora do poder da crueldade. Trata-se “de não dever, não dever sem dívida ou interessar-se aos que não estão interessados”. Poderia ser o amor puro, como o que é vivido misticamente? Eis o que existiria do outro lado da crueldade: a hospitalidade. Termino, passando novamente a palavra a Major “uma hospitalidade cujas leis só podem existir, conseqüentemente, fora do sofrimento, do gozo, para além do cálculo, da antecipação, do passível de apropriação, da dívida e do poder”. Fim de citação. Pronto. Espero que vocês todos tenham compreendido bem. Obrigado.